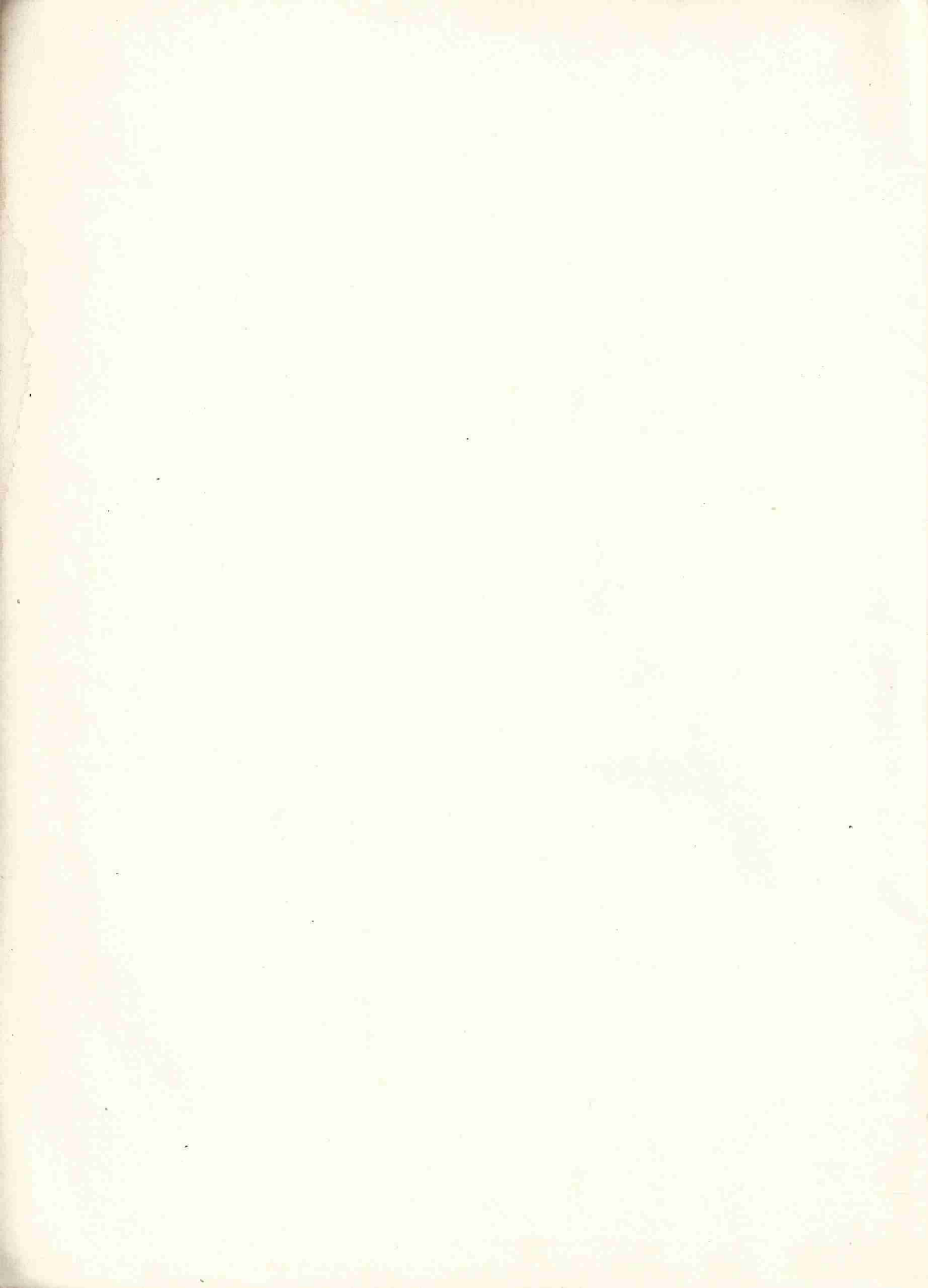


Os filhos do grande Rei



FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER
Pelo espírito VENERANDA



OS FILHOS DO
GRANDE REI

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

OS FILHOS DO GRANDE REI

Pelo Espírito
VENERANDA



OBRA MEDIÚNICA RECEBIDA POR
FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER



FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA
DEPARTAMENTO EDITORIAL
Rua Souza Valente, 17 — CEP - 20941
e Avenida Passos, 30 — CEP - 20051
Rio, RJ — Brasil

3ª edição

Do 11.º ao 20.º milheiro

Capa de **CECCONI**

B.N. 7.325

5,33-BB; 002.01-O; 8/1983

Copyright by

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

(Casa-Mãter do Espiritismo)

AV. PASSOS, 30

20051 — Rio, RJ — Brasil

Reprodução fotomecânica e impressão offset das

Oficinas do Departamento Gráfico da FEB

Rua Souza Valente, 17

20941 — Rio, RJ — Brasil

C.G.C. n.º 33.644.857/0002-84 I.E. n.º 81.600.503

Impresso no Brasil

PRESTA EN BRAZIL

ÍNDICE

<i>Jesus e os meninos</i>	8
I — O velho Cipião	9
II — O início da história	11
III — Ouvindo os conselheiros	13
IV — A Grande Escola	15
V — No intervalo	17
VI — Providências do Rei	19
VII — Auxiliares	21
VIII — Comunicações	23
IX — O Lar	25
X — O uniforme	27
XI — Primeiros tempos	29
XII — Depois de crescidos	31
XIII — Dádivas menosprezadas	33
XIV — Preocupações do Pai	35
XV — O primeiro juiz	37
XVI — O segundo juiz	39
XVII — A Escola Sublime	41
XVIII — Os príncipes	43
XIX — Esclarecimentos de Cipião	45
XX — Terminando a história	49

Jesus e os Meninos

O Divino Mestre ama as crianças com especial carinho.

Ele sabe que os meninos e meninas do presente serão pais e mães no futuro. Sabe que todos os pequeninos de hoje serão os administradores, ministros, juizes, professores, médicos, advogados, artistas, escritores, artifices, lavouradores e operários de amanhã, e, por isso, simboliza neles a esperança do mundo, onde o reino de Deus será edificado.

Jesus reconhece que, se os meninos de agora quiserem, a Terra do porvir será melhor, mais sábia e mais feliz.

É por essas razões que o Divino Senhor, se aguarda a compreensão e o concurso dos homens bons, também espera a cooperação das crianças fiéis.

Veneranda

Pedro Leopoldo, 12 de abril de 1946.

I

O velho Cipião

QUANDO a criançada pediu ao velho Cipião lhe falasse do amor que Jesus dedicava aos meninos, o ancião de cabelos nevados contemplou longamente o céu, como quem procurava recordações distantes, e informou:

— Oh! sim! O Cristo, Nosso Senhor, amava os pequeninos com todo o coração e costumava acolhê-los no próprio regaço...

A observação inicial do velhinho realizara o milagre do silêncio. Todas as crianças aguçaram ouvidos, atentas. Até os meninos maiores, que estimavam a brincadeira barulhenta, aproximaram-se dele, respeitosos, à escuta.

Satisfeito com a atenção geral, o narrador fez uma pausa comprida, sorriu e continuou:

— Os apóstolos, de quando em quando, repreendiam a petizada, mas o Mestre chamava novamente os pequenos, acariciando-os, cheio de amor...

Nesse ponto, Dolores, a menorzinha do grupo, interrompeu a narrativa, perguntando:

— Vovô Cipião, Jesus contava histórias aos meninos?

— Oh! Como não! — exclamou o bondoso velho. — Contava muitas...

— O senhor sabe alguma, vovô? — tornou a pequenina curiosa.

Cipião, trêmulo, amparou-se no antigo cajado para melhor acomodar-se sob a copada árvore da praça grande, ergueu de novo os olhos embaciados para o céu muito azul da tarde brilhante, e respondeu:

— Sim, eu sei uma história que o Mestre contou aos meninos galileus...

— Conte! conte!...

II

O início da história

A SOLICITAÇÃO vinha de todos os lados. Dolores achava-se tão ansiosa que se acercou ainda mais, debruçando-se nos joelhos do velho Cipião.

O ancião, como todas as pessoas bem educadas, gostava das crianças de boas maneiras e, reconhecendo o respeitoso interesse de todas, começou, sem embaraço, ante a curiosidade geral:

— Prestem muita atenção!

A pequenada fez absoluto silêncio.

E o velhinho prosseguiu:

— O rei de todos os reis, bom e altíssimo Senhor, que possui vastos impérios resplandecentes e a cuja autoridade se submetem todos os seres e coisas da Criação, reparou que alguns dos seus filhos, meninos e meninas, necessitavam de maior sabedoria, a fim de entrarem na posse da herança, cons-

tituída de infinitas riquezas que lhes reservava. Os jovens tinham a inteligência muito verde ainda e, por isso, eram ignorantes, indecisos... Fazia-se necessário, portanto, criar trabalho através do qual os herdeiros felizes pudessem adquirir, não somente o amor para com os semelhantes, mas também a ciência do Universo. O rei magnânimo e sábio, ocupado em governar os extensos domínios do seu reino sem fim, não podia mantê-los ao pé de si, uma vez que não desejava conservá-los como bonequinhos de enfeite e, sim, como filhos fortes e bem orientados, trabalhadores e leais. Para isso, os jovens precisavam de elevação própria e experiência da vida.

III

Ouvindo os Conselheiros

 NARRADOR fez pequeno intervalo e prosseguiu:

— Foi então que o poderoso Senhor convocou a presença dos filhos mais velhos, sábios e bons, transformados em cooperadores e conselheiros de suas imensas obras, a fim de ouvi-los sobre o futuro destino dos príncipezinhos ignorantes.

Exposto o assunto pelo soberano, os colaboradores começaram a opinar com alegria:

— Não seria interessante criar um paraíso repleto de belezas absolutas?
— disse um deles.

Outro, porém, considerou:

— Não seria melhor um jardim cheio de flores, onde os jovens crescessem tranqüilamente?

— Não poderíamos construir um

templo coroado de eterna luz e de eterna harmonia para abrigá-los? — perguntou ainda outro.


Iniciou-se extenso movimento de comentários, em torno das três opiniões recebidas, e, quando os conselheiros levaram os pareceres ao grande rei, ele esclareceu paternalmente:

— Aproveitaremos as três sugestões a um só tempo. Considerando que os príncipes necessitam crescer, adquirindo valor próprio, edificaremos para eles uma grande escola, que tenha a beleza dum paraíso, a delicadeza dum jardim e a sublimidade dum templo, na qual encontrem recursos para o aprendizado e para o trabalho, conquistando, por si mesmos, a sabedoria e a glorificação.

Os conselheiros sentiram-se muito felizes com a determinação e retiraram-se satisfeitos.

IV

A Grande Escola

 REI ordenou a edificação de um mundo maravilhoso, num dos recantos do seu império infinito. Seria esse mundo a grande escola dos pequenos príncipes necessitados de educação.

Turmas enormes de obreiros atacaram os serviços.

Atendendo aos seus conselheiros esclarecidos e benevolentes, o soberano autorizou a organização de mares e florestas, cheios de beleza e perfume, à maneira de lagos divinos e jardins de perpétua formosura; recomendou que muitas luzes gloriosas dos seus altos domínios permanecessem à mostra e que doces harmonias vibrassem nos ares, de modo que os filhos se sentissem, na escola, tão jubilosos e felizes como se vivessem num paraíso ou num templo.

Entretanto, para que os jovens não se esquecessem da necessidade de serviço e estudo, mandou que muitas flores tivessem espinhos; que a tempestade retivesse permissão para lavar, de vez em quando, os horizontes azuis; que as águas nem sempre se mantivessem tranqüilas. E para que os filhos nunca perdessem de vista o caminho de retorno ao seu augusto amor, deu-lhes a luz dos olhos e do raciocínio como inseparável companheira de realização.

Foi então criada a enorme escola, sob as vistas do grande rei, com a cooperação ativa de inúmeros servidores. Organizadas, porém, as bases da volumosa edificação, era necessário examinar os pormenores do trabalho, de acordo com as necessidades do aprendizado.

No Intervalo

NESSE ponto da história, o narrador começou a tossir.

Cipião parecia tão cansado!... Os meninos sabiam que ele fazia longas peregrinações. O velhinho, porém, era forte e, embora os achaques da idade, nunca perdia o sorriso bom.

Observando que a interrupção se tornava mais longa, Ninita, uma das meninas maiores do grupo, aproximou-se dele e perguntou, carinhosa:

— O senhor tem fome, vovô?

— Não, minha filha — disse o velhinho, confortado.

— Tem sede?

— Também não.

Os meninos, contudo, não mostravam maneiras tão distintas.

Um deles ergueu a voz e indagou, menos respeitoso:

— E essa escola existiu de fato?

— Como não? —olveu o narrador, benevolente — e ainda existe.

Diante da afirmação do velhinho, o interlocutor interrogou, deslumbrado:

— Poderemos vê-la?

— Perfeitamente — respondeu Cipião, sem titubear.

A criançada ia entrar em ruidosos comentários. Acendera-se forte curiosidade em todos os rostos. As perguntas choveram de todos os lados, mas Cipião, sorridente, observou:

— Deixem-me continuar.

Calaram-se as crianças, de súbito, e, de novo, reinou o silêncio.

Providências do Rei

ENTÃO, o bondoso Cipião pigarreou mais uma vez e prosseguiu:

— Depois de organizados os mares e florestas, o Grande Senhor passou a tratar de vários departamentos da escola. A situação dos príncipezinhos preocupava-lhe o amor paternal e, valendo-se dos conselheiros e trabalhadores de seu reino, procurou garantir-lhes a saúde e a alegria, o trabalho e o estudo. Construída a escola, em pleno céu, mandou o soberano que, ao lado dos mares enormes e das matas imensas, fossem colocadas montanhas e vales, longas planícies e picos prodigiosos, repletos de riqueza e verdura.


Para que não faltasse claridade viva ao educandário, ordenou o rei que toda a construção se efetuasse sob vi-

goroso foco de luz criadora, cujos raios fizessem o dia, proporcionando vida e calor em abundância; e, para que a noite não escurecesse a escola, totalmente, recomendou a instalação de lâmpada suave e enorme, reconfortando a região com abençoado luar.

O soberano, cheio de sabedoria e carinho, em todas as providências sempre revelou a maior atenção, relativamente ao problema da luz, para que os seus filhos, ainda jovens, nunca se mergulhassem nas trevas do entendimento.

VII

Auxiliares

 **BSERVANDO** que os serviços básicos da escola estavam prontos, o grande senhor chamou os conselheiros e lhes falou com bondade:

— Desejo confiar aos meus filhos alguns vegetais preciosos dos meus celeiros, a fim de que suavizem a luta do ganha-pão nos dias do futuro.

E, em breve, as árvores frutíferas eram cultivadas nos grandes patrimônios do educandário, junto dos legumes tenros e substanciosos. Troncos robustos estenderam traços verdes, carregados de flores e frutos; arbustos delicados derramaram grãos preciosos, e ervas frágeis ofereceram saborosas folhas. Para que produzissem harmoniosamente, determinou o rei que as chuvas fossem divididas e controladas.

Quando se misturavam, viçosos e

triunfantes, os jardins e os pomares, o soberano convocou novamente os cooperadores e disse-lhes:

— Pretendo entregar aos meus filhinhos auxiliares amigos que os ajudem, gratuitamente, no aprendizado. Para isso, confiaremos à escola alguns seres ainda fracos de inteligência, que possam auxiliá-los, recebendo deles, ao mesmo tempo, carinho e educação.

Desde essa hora, numerosos animais foram trazidos ao educandário maravilhoso. Aves formosas e amigas povoaram os ares, louvando o Grande Senhor e purificando a atmosfera. Bois, cães, muales e ovelhas, ao lado de muitas outras criaturas úteis, passaram a cooperar, em favor dos pequenos príncipes, para que as lutas lhes fossem menos ásperas.

Esboçando largo sorriso de contentamento, o velhinho calou-se e passeou o olhar pelo bando álaçre...

VIII

Comunicações

DEPOIS de pequena pausa de repouso, ante os meninos atentos, Cipião continuou:

— A escola era um verdadeiro paraíso, repleta de flores e luzes, harmonias e encantos naturais, quando o Soberano, sempre interessado no bem-estar dos filhos, chamou os colaboradores e explicou-lhes:

— Em meu cuidado paternal, receio que os meus herdeiros menores cresçam absolutamente isolados uns dos outros. Se progredirem separados, em definitivo, na conquista da Ciência, talvez inventem conflitos e choques sem razão de ser. Edifiquemos para eles todas as comunicações possíveis, todos os recursos de intercâmbio, para que cultivem a fraternidade e o entendimento justo.

Os colaboradores cumpriram-lhe as ordens, imediatamente.

Orientando extensas turmas de trabalhadores, dirigiram-se para as montanhas, em cujo interior havia volumosos depósitos de água fresca, e organizaram fontes numerosas, através de pequenas aberturas, formando assim rios maiores e menores, facilmente transformáveis em valiosas vias de comunicação. Além disso, estradas enormes foram rasgadas, naturalmente, ao longo de colinas e planícies, para que os príncipes não encontrassem motivo de insulamento prejudicial, aprendendo, com todas as instalações indispensáveis ao seu desenvolvimento, os princípios de solidariedade fraterna.

IX

O lar

NÃO contente em aplainar as dificuldades do início, tornando os príncipes e as princesinhas tão ricos de dádivas, o Grande Senhor fez mais.

Sabendo que os filhos se caracterizavam por gostos diferentes, o Amorofo Pai concedeu-lhes a bênção do lar, facilitando-lhes os trabalhos e realizações.

Certas meninas apreciavam as flores, acima de tudo; outras encontravam nos livros a maior alegria, outras ainda se sentiam mais felizes no serviço manual. Acontecia o mesmo com os rapazinhos. Alguns davam tudo para que os deixassem nos trabalhos de agricultura, outros preferiam a arte ou a ciência. Observando nessa diversidade um estímulo vigoroso ao progresso geral, o Rei Poderoso e Bom determinou


aos colaboradores a edificação do santuário doméstico, de modo que os filhinhos se reunissem, segundo as afinidades pessoais.

Foi então organizado o lar nos imensos territórios da grande escola, como verdadeiro ninho de vida e amor. Esse ninho possuía lugares apropriados para as refeições e palestras, para o trabalho e descanso. Findas as ocupações e estudos do dia, os jovens poderiam reunir-se aí, à noite, como num templo de carinho e compreensão fraternal, de acordo com as preferências sentimentais de cada grupo, trocando idéias e experiências úteis e cultivando a paz e a oração, a caminho da maioridade.

Desde essa ordem paterna, foi construído o lar, na abençoada escola destinada ao entendimento e aos júbilos da família.

X

O uniforme

 ANCIÃO fez mais longa pausa diante dos meninos surpreendidos. Aproveitando o silêncio, a pequena Dolores indagou timidamente:

— Vovô Cipião, e Jesus contou se os príncipes foram para a escola?

— Sim — respondeu o velhinho sorridente —, todos eles obedeceram às determinações paternais.

— Como? — tornou a perguntar a pequenina curiosa.

— Muito zeloso da fraternidade que deveria reinar entre os filhos, o Devotado Pai recomendou o uso de um só uniforme para o educandário, concedendo-o, com grande riqueza, aos príncipes queridos. Todos, sem exceção, deveriam envergá-lo nos estudos e experiências, embora se diferenciassem,

entre si, nas tendências, pensamentos e aspirações.

Fazendo gracioso gesto com as mãos enrugadas, o ancião prosseguiu:

— Os príncipes chegaram muito pequeninos à escola, porque a confecção do vestuário concedido pelo Rei, para as lições e estudos de cada dia, subordinar-se-ia a certas leis do educandário maravilhoso, edificado em pleno céu... Meninos e meninas chegaram em bando, através dos vales e dos montes, para o curso de crescimento e perfeição, todos vestindo o mesmo uniforme, igual na formação e nos característicos, apenas variando quanto à cor, pois os uniformes eram brancos, avermelhados, bronzeados, amarelos, pardos e negros. A diversidade das cores, contudo, não implicava separação, porque os príncipes eram filhos e herdeiros do mesmo Senhor.

XI

Primeiros tempos

 S primeiros tempos de recepção dos príncipes assinalaram-se por grandes e dilatados trabalhos de toda ordem.

Muitos não se adaptavam aos uniformes e voltavam da escola, medrosos e envergonhados. Outros acovardavam-se diante da extensão das águas e das florestas e não se animavam a atacar o trabalho, abandonando o vestuário, precipitadamente. Outros, ainda, declaravam-se doentes, depois dos primeiros dias de lições e serviços.

O Poderoso Rei, todavia, não se zangou, nem se aborreceu. Cuidando dos pequenos herdeiros com extrema ternura, determinou que os abnegados cooperadores de sua obra solucionassem as dificuldades do educandário. E os mensageiros do Grande Senhor vieram

em número elevado, a fim de estudar os problemas e resolvê-los.

Com enorme dedicação, melhoraram a atmosfera, para que o ar fosse mais agradável aos meninos; organizaram mais perfeito escoamento para as águas; ajudaram os príncipezinhos a descobrir os frutos mais doces e saborosos; ensinaram-lhes a trazer o uniforme bem limpo; deram-lhes lições valiosas no trato com os animais; prestaram-lhes esclarecimentos sobre o fogo e a água; aproximaram-nos, uns dos outros, para que aprendessem a cultivar a fraternidade e a proteção mútua; puseram-lhes a prece no coração e nos lábios, e auxiliaram-nos a olhar o alto, cheios de confiança no Poder do Pai Amoroso e Supremo Governador.

Desde então, com o socorro eficiente dos emissários generosos, os pequenos herdeiros passaram a desenvolver-se com tranqüilidade e segurança.

XII

Depois de crescidos

QUANDO chegou a este ponto da história, Cipião mostrou indisfarçável tristeza nos olhos e parou de falar por alguns minutos, como se estivesse lembrando alguma coisa muito importante.

Nenhum dos ouvintes lhe interrompeu os pensamentos.

Finda a grande pausa, continuou:

— Mas os príncipes, para quem o Poderoso Rei criou tão formoso reino escolar, depois de crescidos sentiram-se seguros em seus uniformes e em seus lares e, desviando a inteligência, esqueceram o Pai Compassivo e criaram perigosos monstros, dentro de si mesmos, com os quais passaram a se aconselhar. Os colaboradores diretos do Grande Rei continuaram ensinando o bem e a verdade, a paz e o equilíbrio. Entretanto,

os aprendizes não quiseram ouvi-los por mais tempo. Os monstros que eles próprios haviam criado envenenaram-lhes o coração, dizendo-lhes que a escola era absoluta propriedade deles, que deveriam dominar em torno de suas residências como verdadeiros e únicos senhores.

Em breve, os filhos do Grande Rei, esquecendo os deveres que lhes cabiam desempenhar, começaram a humilhar, derrubar e perseguir. Destruíram árvores veneráveis sem plantar outras que as substituíssem; organizaram caçadas aos animais pacíficos, matando-os sem necessidade; aprisionaram os pássaros e passaram a fazer o que é mais doloroso — combateram-se uns aos outros, em guerras de sangue, deixando misérrimas e ruínas atrás de seus passos. Para adquirirem supremacia e poder, honras e autoridade, assassinaram mulheres e crianças, velhos e doentes incapazes de fazer mal.

XIII

Dádivas menosprezadas

 GRANDE Rei, a princípio, não levou em consideração tamanhos desatinos.

— “Os filhos eram ainda muito jovens” — afirmava ele aos cooperadores fiéis.

E, interessado em auxiliar os pequenos príncipes com todos os recursos ao seu alcance, mandou que os mensageiros lhes trouxessem embarcações para incentivarem as relações amigas uns com os outros; maquinaria com que revolvessem o solo, facilitando os serviços da lavoura; carros para auxiliá-los nos transportes e teares para a confecção de tecidos diversos. Preocupado, ainda, em tornar a vida mais agradável na grande escola, o Pai Amoroso determinou aos colaboradores que ensinassem aos príncipes o alfabeto com

que pudessem fixar os pensamentos, a arte para embelezarem o santuário doméstico e a indústria e o comércio a fim de desenvolverem a fraternidade e o espírito de serviço.

Os filhos do Grande Rei, todavia, longe de se aproveitarem de tantos bens para serem mais sábios e compassivos, utilizaram os recursos divinos para fomentar a discórdia e a destruição, chegando alguns deles a sustentar o secreto desejo de serem mais poderosos que o próprio Pai, aniquilando-o, talvez.

XIV

Preocupações do Pai



SOBERANO, embora fosse tão ofendido, não se revoltou nem se magoou, porque todo pai tem reservas infinitas de amor.

Observando, porém, que os filhos lhe desobedeciam às ordens, perturbando a harmonia da escola e destruindo os próprios bens, convocou nova reunião dos colaboradores, de modo a ouvi-los sobre as providências que lhe competia tomar.

Reconhecendo as justas preocupações do Rei, os conselheiros passaram ao movimento de opinião.

Um deles considerou que seria melhor destruir o educandário e começar outra experiência educativa.

Outro consultou o Soberano quanto à possibilidade da aplicação de pe-

sados castigos aos príncipes rebeldes e ingratos.


O Poderoso Senhor, no entanto, dedicava muito carinho à escola e muito amor aos filhos queridos.

Ambas as propostas estavam em estudo, quando outro cooperador perguntou se não seria mais razoável tratar a questão pela justiça. Não seria justo tentar medidas de muito carinho, porque os príncipes se mostravam endurecidos, mas também não convinha corrigi-los com excessivo rigor, em vista de serem jovens com reduzida experiência da vida.

O Rei Sábio e Generoso considerou a idéia excelente e, com aprovação geral, deliberou aplicá-la.

Finda a reunião, enviou dois juízes para acompanharem permanentemente os príncipes; o primeiro encarregar-se-ia de fazer as retificações possíveis e o segundo estaria incumbido de reconduzi-los à presença paternal, para julgamento necessário, em momento oportuno.

O primeiro juiz

 BEDECENDO às ordens do Pai Amoroso e Justo, o primeiro juiz aproximou-se dos príncipes, efetuando as corrigendas possíveis.

Os descuidados herdeiros do Grande Rei não lhe observaram a chegada de modo direto, mas sentiram-lhe a presença nas atividades comuns. Retificando os caminhos dos aprendizes, o primeiro juiz era obrigado a fazer muitas coisas desagradáveis, como o pedreiro amigo e cuidadoso que, para tornar a pedra útil, é forçado, muitas vezes, a espancá-la com o martelo.

Numerosos príncipes e princesas começaram então a reconhecer que andavam em caminho errado. Muitos concluíam que fazer inimigos não representava prazer; que, afinal de contas, havia um poder muito mais alto que o


deles, governando o Universo. Grande parte modificou a vida.

Em verdade não viam com os olhos do corpo o emissário que o Soberano lhes mandara. Entrementes, o primeiro juiz trabalhava sem cessar, acordando-lhes a consciência adormecida. Obrigou-os a meditar nas origens divinas da Escola; estimulou-lhes a curiosidade, a fim de reconhecerem que se encontravam de passagem no educandário maravilhoso, e fê-los olhar a luz celeste em que se banham os impérios resplandecentes do Poderoso Senhor, para que se sentissem menos vaidosos e mais aplicados ao estudo e ao trabalho cotidiano.

Desde então, os príncipes encontraram no primeiro juiz um educador de primeira ordem e um companheiro admirável para a jornada de retorno às leis do Amoroso Pai.

XVI

O segundo juiz

 **TRABALHO** do segundo juiz era mais difícil, mais doloroso. A missão do primeiro julgador perdurava até ao instante em que os príncipes eram obrigados a deixar o uniforme envelhecido ou roto. Aí então começava o serviço do segundo. Ele devia mostrar aos filhos ingratos o erro em que se haviam comprometido, com toda a franqueza, depois de encerrada a oportunidade de serviço e estudo.

Os herdeiros do Grande Rei, todavia, quando foram entregues ao segundo julgador, a fim de receberem a verdade e a luz para tornarem aos braços paternos, estavam com os olhos cheios de treva e as mãos tintas de sangue, os pés revestidos de lodo e o coração cercado de espinhos, mormente todos aquêles que haviam fugido ao

auxílio do primeiro juiz retificador. Estavam cegos e tontos. Não sabiam que rumo escolher. A consciência parecia-lhes uma casa incendiada. Os príncipes tão ricos e tão desventurados, agora só sabiam chorar.

O segundo juiz revelou-lhes o abismo em que se haviam precipitado.

Dedicado e bom, como sempre, o Poderoso Pai veio ver os filhos sofredores; entretanto, os príncipes não o viram, nem lhe ouviram a voz pelo estado lastimável em que se achavam.

Compadecendo-se dos jovens, o Rei Sábio e Bondoso desculpou-os e, chamando os conselheiros, determinou que os filhos amados voltassem à grande escola, guardados de perto pelos dois juízes, recomeçando o aprendizado da sabedoria e do amor para a redenção.

De novo, o velho narrador fez longa pausa, para concluir:

— Desde então, os aprendizes regressam ao educandário, utilizando os mesmos uniformes para adquirirem a virtude e a elevação.

XVII

A Escola Sublime

CUPIÃO interrompeu-se, como se houvesse terminado a narrativa. Contemplou o céu azul onde vagueavam avermelhadas nuvens do crepúsculo. O vento leve da tarde acariciava-lhe os cabelos brancos...

As crianças conservaram-se em profundo silêncio, aguardando-lhe os comentários.

Decorridos alguns instantes, o velhinho amparou-se no cajado, buscando talvez energias novas, e informou em tom diferente:

— Esta, meus bons amiguinhos, é a história que eu soube haver Jesus contado, um dia, aos pequenos de Cafarnaum. Em torno dele, acotovavam-se filhos dos mais diversos lares. Eram as crianças descendentes de judeus e romanos, gregos e etíopes que o escuta-


vam. Meninos que vinham de todos os credos e de todas as casas, sequiosos de seu carinho e ensinamento.

E, após nova pausa, fixou nos ouvintes o olhar doce e calmo, prosseguindo:

— Fui informado, ainda, de que Jesus, atendendo às solicitações das crianças que Lhe ouviam a narrativa, esclareceu que a grande escola é a Terra, o mundo maravilhoso em que vivemos, cheia de flores perfumadas e de luminosos horizontes, e que Ele, nosso Divino Mestre, vinha ao encontro dos príncipes, em nome do Poderoso Pai, a fim de ajudar a todos na restauração da concórdia e do trabalho, da alegria e do entendimento.

XVIII

Os príncipes

 ANCIÃO ia continuar, quando o pequeno João Veloso, que seguirá toda a história, atentamente, ansioso por explicações, interrogou com intensa curiosidade:

— Vovô, quem são os príncipes, filhos do Grande Rei?

— São os homens — respondeu o ancião, sem hesitar —, os homens e as mulheres do mundo, donos de sublimes riquezas que não sabem aproveitar.

Cipião pensou um momento e continuou:

— Para sermos mais claros, devemos proclamar que os príncipes somos todos nós, que viemos a esta grande e abençoada escola, que é a Terra, obedecendo às ordens da Providência Divina... Aqui encontramos a bênção do dia e da noite, do trabalho e do repouso,

com mil oportunidades de conquistar a sabedoria e a luz, a elevação e a santidade... Desde o primeiro dia de luta, recebemos a carinhosa assistência de nossos pais. Crescemos entre dádivas sublimes da Natureza, com todas as facilidades que o Poderoso Senhor nos concedeu. Apesar disso, porém, embora a beleza e a glória do educandário a que fomos conduzidos pela Bondade Celestial, por algum tempo, a fim de que possamos adquirir conhecimento e virtude, perdemos quase todo o tempo na preguiça e, orgulhosos, acreditamo-nos senhores da Criação... Quase sempre começamos em pequeninos a fugir de nossos deveres, a desprezar o trabalho, a esquecer os estudos que nos tornarão mais sábios e melhores, a oprimir a Natureza, a olvidar os direitos do próximo e, por isso, esbarramos na cegueira da descrença, nas feridas do mal, no frio do desânimo ou nas destruições da guerra...

XIX

Esclarecimentos de Cipião



BONDOSO velhinho parecia haver terminado, mas Dolores, a pequena estudiosa, cravou nele os olhos brilhantes, segurou-lhe nervosamente as mãos, e tornou a perguntar:

— Vovô, não é possível explicar tudo? Jesus não teria falado mais alguma coisa? quais eram os monstros que enganaram os príncipes? quais são os juízes que vieram da parte do Grande Senhor?

O narrador sorriu, visivelmente satisfeito com a interrogação, e comentou:

— Não cheguei a saber se o Divino Mestre prestou esclarecimentos finais às criancinhas de Cafarnaum; mas, de acordo com informações que recebi, farei a interpretação para vocês.

E, com voz pausada e firme, explicou:

— O Rei de todos os reis, bom e altíssimo Senhor, é Deus, Nosso Pai de Infinita Bondade.

Os impérios resplandecentes são os sóis numerosos e os numerosos mundos que se equilibram na imensidade, dos quais podemos fazer ligeira idéia, contemplando o firmamento iluminado.

Os príncipes, necessitados de sabedoria e amor, são os homens e as mulheres da Terra, herdeiros divinos da Criação.

Os conselheiros e cooperadores do Poderoso Senhor são os Espíritos Sábios e Benevolentes que nos auxiliam, em nome d'Ele, em todos os caminhos da vida humana.

A bendita escola construída para a educação dos príncipes é a Terra em que habitamos.

O vigoroso foco de luz, junto do qual foi edificado o nosso educandário, é o Sol que nos sustenta a vida física.

A lâmpada suave e enorme é a Lua.

As árvores e as ervas, as flores e os frutos, bem com os animais de va-

riadas espécies, são os auxiliares dos herdeiros felizes.

Os rios e estradas constituem as comunicações que o Pai nos concedeu a fim de aproximar-nos uns dos outros.

O lar confortável é a casa acolhedora que nos abriga no mundo.

O uniforme ou roupa dos príncipes é o corpo carnal que varia de cor na Europa, na América, na Ásia e na África.

Os conselheiros monstruosos que os aprendizes criaram para si mesmos chamam-se orgulho e vaidade, egoísmo e ambição, ciúme e discórdia.

A rebeldia comum dos herdeiros, na escola terrestre, revela-se no propósito de dominar os semelhantes, através da maldade e da guerra, em que todos os poderes da inteligência são utilizados.

O primeiro juiz enviado por Deus é o sofrimento, que procura despertar a consciência adormecida; o segundo é a morte, que reconduz a alma às realidades do Grande Senhor.

A cegueira, que impediu o retorno dos filhos aos braços amorosos do Soberano Pai, é a treva do mal que se apodera do homem, destruindo-lhe a visão e o entendimento.

O regresso aos uniformes tão caridosamente autorizado pelo Rei Poderoso e Bom, a fim de que os príncipes recomecem o aprendizado, é a lei divina da reencarnação, com a qual aprendemos, em contacto com o sofrimento e com a morte, os sagrados princípios da fraternidade, da justiça, do amor, da concórdia, da paz e do perdão.

Terminando a história



VELHINHO calou-se, contemplando as crianças, que se mostravam risonhas e satisfeitas. A história fazia-lhes sentir a grandeza da vida e apontava-lhes o glorioso porvir.

O Sol já se despedira do vasto horizonte azul e o vento frio começava a soprar fortemente.

Cipião amparou-se no cajado velho, levantou-se devagarinho e, olhando a criançada com um sorriso bom, terminou a narrativa, aconselhando:

— Tenhamos todos muito cuidado em evitar o mal e muita alegria em praticar o bem . . . Todos nós, meus filhos, somos príncipes necessitados de educação na escola da Terra. Alguns, como eu, vestem uniforme mais velho, mas

vocês estão começando as lições, vestindo roupa nova, forte e bonita...

Todos os meninos sorriram contentes e o ancião concluiu:

— Espero que vocês todos, de hoje em diante, saibam viver neste mundo como verdadeiros filhinhos de Deus.

Obras infanto-juvenis

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

Alvorada Cristã
A Vida Fala I, II e III
Cartilha da Natureza
Cartilha do Bem
Evangelho em Casa
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto
O Caminho Oculto
Pai Nosso

*

**FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER E
WALDO VIEIRA**

Timbolão

*

MÍNIMUS

Os Milagres de Jesus

*

FERNANDO FLORES

Seara Infantil

*

R. HERMINDO

História de Catarina



ALLAN KARDEC

ZÊUS WANTUIL
FRANCISCO THIESEN

Publicada em 1979 e 1980, essa obra “veio enriquecer, sobremaneira, as letras espíritas e deu ao Codificador da Doutrina Espírita a sua real dimensão na história da Humanidade.

São três volumes, num total de 896 páginas, dezenas de ilustrações e numerosas e preciosas informações sobre a vida de Kardec e daqueles que constituíram o seu pequeno e valoroso contingente de colaboradores diretos no plano físico.

O volume I apresenta uma visão muito nítida da formação moral e intelectual de Hippolyte Léon Denizard Rivail, do Instituto Yverdon, do método pestalozziano e da obra de Rivail como educador emérito. Ao final há um apêndice que elucida a respeito do nome civil de Kardec, sobre a data de seu nascimento e sobre a controvertida questão de ele ter sido ou não formado em Medicina.

O volume II trata da missão de Kardec, traçando um panorama que se inicia em Hydesville até as primeiras perseguições contra o Movimento espírita nascente.

O volume III abrange as obras espíritas de Allan Kardec, os periódicos do seu tempo, a sua desencarnação, a continuidade do Movimento, as lutas e a abnegação dos seus continuadores, o Movimento espírita brasileiro e a destinação do nosso país como Pátria do Evangelho. O apêndice final traz uma série de elucidações sobre vários pontos importantes.

A perfeita concatenação dos fatos, a forma como são apresentados num estilo claro e objetivo tornam a leitura dos três volumes muito agradável, facilitando ao leitor a assimilação de um tão grande número de informações. A figura de Allan Kardec ressalta dessa magistral obra na grandiosidade de sua missão, o que sensibiliza e emociona a quem lê.

Com este alentado trabalho (...) temos agora nova e completa visão do Codificador (...). Todos os espíritas devem ler essa obra.”

(Transcrito de “O Médium”, de Juiz de Fora (MG), Ano 49 — N.º 486 — fevereiro de 1981.)

